



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-INGLÊS**

**SADREZA GOMES DE FARIA**

**A ABORDAGEM PRAGMÁTICA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA  
PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS**

**CAMPINA GRANDE  
2021**

SADREZA GOMES DE FARIA

**A ABORDAGEM PRAGMÁTICA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA  
PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo),  
apresentado ao Departamento de Letras e  
Artes da Universidade Estadual da Paraíba  
(UEPB), em cumprimento às exigências e  
normas para obtenção do título de Licenciatura  
Plena em Letras – Inglês.

Orientador: Prof. Me. Bruno Maiorquino Silva

**CAMPINA GRANDE  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224a Faria, Sadreza Gomes de.

A abordagem pragmática como proposta pedagógica para o ensino de língua inglesa nas escolas públicas [manuscrito] / Sadreza Gomes de Faria. - 2021.

34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Bruno Maiorquino Silva, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Ensino de língua inglesa. 2. Escola pública. 3. Abordagem pragmática. 4. Processo ensino-aprendizagem . I. Título

21. ed. CDD 32.6521

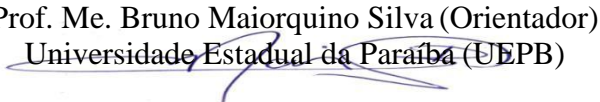
SADREZA GOMES DE FARIA

**A ABORDAGEM PRAGMÁTICA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo), apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências e normas para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras - Inglês.

Aprovada em: 14/05/21.

**BANCA EXAMINADORA**

<hr/> <p>Prof. Me. Bruno Maiorquino Silva (Orientador) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)</p> 	Nota: 9,5
<p><i>Dione Barbosa Dantas</i></p> <hr/> <p>Profa. Ma. Dione Barbosa Dantas Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)</p>	Nota: 9,5
<p><i>Marília Bezerra Cacho Brito</i></p> <hr/> <p>Profa. Ma. Marília Bezerra Cacho Brito Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)</p>	Nota: 9,5

Nota: 9,5

A minha mãe, meu pai, meu marido e meu  
filho, DEDICO.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Paulo Freire)

## LISTA DE FIGURAS:

<b>Figura 1 - apresentação do first conditional .....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 2 - primeiro desafio .....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 3 - segundo desafio .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 4 - exemplo da to do list .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 5 - rendimento da turma na plataforma quizizz .....</b>	<b>22</b>
<b>Figura 6 - porcentagem de acertos e erros em uma pergunta.....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 7 - ranking de acertos do quiz.....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 8 - questões exploradas dentro do vídeo .....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 9 - elementos visuais de apresentação da aula.....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 10 - contextualizando a aula.....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 11 - exemplo de como funciona o jogo .....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 12 - exemplificação de como devem ser feitas as frases na L2.....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 13 - atividade aluna 01.....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 14 - atividade aluna 02.....</b>	<b>28</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>O contexto do inglês nas escolas públicas: dificuldades e o papel do professor.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2</b>	<b>A Pragmática no ensino de línguas .....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>19</b>
<b>4.1</b>	<b>Atividades propostas como utilização da abordagem pragmática .....</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS: .....</b>	<b>30</b>



## **A ABORDAGEM PRAGMÁTICA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS**

### **PRAGMATIC APPROACH AS A PEDAGOGICAL PROPOSAL FOR ENGLISH TEACHING IN PUBLIC SCHOOLS**

Sadreza Gomes de Faria<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O ensino de inglês pode ser desenvolvido de diversas perspectivas, variando sua abordagem de acordo com o contexto no qual se insere. Diante disso, esta pesquisa buscou analisar de que forma a abordagem pragmática pode servir como proposta pedagógica para o ensino de Língua Inglesa (LI) nas escolas públicas brasileiras, visto que é um cenário repleto de dificuldades e desafios, tanto para os professores, como também para os estudantes. Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho foi discutir e analisar de que forma uma abordagem pragmática de ensino pode favorecer o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de inglês nas escolas públicas, considerando seu contexto e obstáculos, como também refletir sobre o papel do professor de inglês como motivador em sala de aula. Como aporte teórico, nos embasamos principalmente nos estudos de Leffa (2011), Oliveira e Paiva (2011), Miccoli (2007), para desenvolvermos sobre o contexto das escolas públicas brasileiras. Utilizamos Harmer (2001), para falar da motivação em sala de aula e Lederman e Potter (2013) para a utilização de jogos como motivadores dentro das atividades desenvolvidas. Para contribuir com os estudos e teorias da pragmática e da pragmática em sala de aula, utilizamos Fiorin (2003), Yule (1996), Rose; Kasper (2001), O'keeffe; Clancy; Adolphs (2011) e Erton (2007). A pesquisa foi desenvolvida por meio de estudos teóricos e análise prática de aulas ocorridas durante um mês em uma escola municipal do município de Alcantil-PB com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II. Os estudos tiveram impacto com a pandemia instaurada pelo novo coronavírus e, portanto, ocorreu de forma remota, com aulas não-presenciais. Constatamos os benefícios e a eficácia do uso da abordagem pragmática nas aulas de LI em escolas públicas, pontuando os aspectos positivos, como a motivação desenvolvida nos estudantes e a realização de atividades que fazem parte do cotidiano dos mesmos. Como pontos negativos da pesquisa percebemos dificuldades em aspectos gramaticais, bem como na realização de algumas atividades por causa do cenário de ensino remoto. Discorremos, por fim, sobre a relevância do estudo no meio social, favorecendo aluno, professor, pesquisas acadêmicas e corroborando para mudar o cenário da educação nas escolas públicas do Brasil.

**Palavras-chave:** Língua Inglesa. Escola Pública. Abordagem Pragmática. Ensino-aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras-Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba e professora de Língua Inglesa no município de Alcantil-PB.

## ABSTRACT

English teaching can be developed from different perspectives, varying its approach according to the context in which it is inserted. Therefore, this research sought to analyze how pragmatics can serve as a pedagogical proposal for teaching English in Brazilian public schools, since it is a scenario full of difficulties and challenges, for both for teachers and students. Thus, the main objective of this work was to discuss and analyze how a pragmatic approach to teaching can favor the development of English teaching and learning in public schools, considering its context and objectives, as well as reflecting on the role of the English teacher as motivator in the classroom. As a theoretical contribution, we mainly rely on the studies of Leffa (2011), Oliveira and Paiva (2011), Miccoli (2007), to develop on the context of Brazilian public schools. We used Harmer (2001) to talk about motivation in the classroom and Lederman and Potter (2013) to use games as motivators within the activities developed. To contribute to the studies and theories of pragmatics and pragmatics in classroom, we used Fiorin (2003), Yule (1996), Rose; Kasper (2001), O'keeffe; Clancy; Adolphs (2011) and Erton (2007). The research was developed through theoretical studies and practice of classes that took place during a month in a municipal school in the municipality of Alcantil-PB with students from the 9th grade of Elementary School II. The studies had an impact with the pandemic introduced by the new coronavirus and, therefore, occurred remotely, with non-classroom classes. We note the benefits and effectiveness of using the pragmatic approach in IL classes in public schools, punctuating the positive aspects, such as the motivation developed in the students and the performance of activities that are part of their daily lives. As negative points of the research, we perceived difficulties in grammatical aspects, as well as in carrying out activities because of the remote teaching scenario. Finally, we discuss the study research in the social environment, favoring student, teacher, academic research and corroborating to change the scenario of education in public schools in Brazil.

**Keywords:** English Language. Public Schools. Pragmatics. Learning-teaching.

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino de inglês vem sendo cada vez mais disseminado por todo mundo. No Brasil, temos um contexto bastante diverso em relação ao ensino de línguas, como, por exemplo, os cursos de idiomas, que segundo Oliveira e Paiva (2011), são idealizados como referência para se aprender uma nova língua. porém, me posiciono para falar de um contexto mais amplo, acessível e popular: o ensino-aprendizagem de inglês nas escolas públicas.

No Brasil, mais especificamente nas escolas públicas, o documento que utilizamos como base norteadora é a BNCC, que apresenta o inglês considerando seus usos nos contextos socioculturais e nas vivências dos alunos: “Concebendo a língua como construção social, o sujeito “interpreta”, “reinventa” os sentidos de modo situado, criando novas formas de identificar e expressar ideias, sentimentos e valores.” (BNCC, 2017, p. 238).

Dessa forma, espera-se que os professores utilizem a BNCC, não como o único e imutável caminho de ensinar inglês, mas como norte para criar uma base de conhecimentos comuns, considerando questões culturais da região em que vivemos, priorizando, assim, um aprendizado que permite ao aluno pôr em prática aquilo que ele já conhece juntamente com o novo a ser aprendido, contribuindo para um aprendizado plural da língua.

No entanto, existem diversas barreiras que comprometem o ensino de inglês nesse contexto. Como cita Leffa (2011), algumas das principais barreiras são a falta de interesse do governo, professores desqualificados ou de outras áreas e também dos próprios alunos pela falta de interesse. Dessa forma, podemos inferir que há todo um arranjo por trás da sala de aula (considerando contexto, faixa etária da turma, nível linguístico e organização/planejamento) em que, segundo Oliveira (2015), precisam ser considerados não só aspectos lexicais e de sintaxe, mas também os elementos pragmáticos de textualidade que compõe todo um contexto na vida dos estudantes.

Porém, apesar de termos um aporte muito vasto de teorias, na prática, muitas vezes o ensino de inglês não é efetivo e acaba se tornando ineficiente. Muitas são as dificuldades encontradas no cenário das escolas públicas no Brasil, como mostra um estudo feito pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE<sup>3</sup> para o *British Council* (2015), no qual são apontadas as principais dificuldades como a vulnerabilidade social dos estudantes, turmas desniveladas, recursos didáticos escassos, funcionários mal remunerados e entre outras barreiras que corroboram para a ineficiência do ensino-aprendizagem de inglês no contexto das escolas públicas.

Desse modo, e considerando outras dificuldades que discorreremos mais a frente, entraremos com a abordagem pragmática de ensino da língua, ou seja, iremos abordar o ensino com enfoque nos usos reais do idioma por parte dos estudantes. De acordo com Crystal (1997), a Pragmática considera as escolhas que nós fazemos quando utilizamos a língua. Rose e Kasper (2001) também nos trazem a definição da Pragmática como o estudo das ações comunicativas em seu contexto sociocultural.

Sendo assim, trabalharemos o inglês visando os usos reais que os alunos farão da língua em seus atos comunicativos, abordados por Yule (1996) e que nos diz termos como vantagem estudar a língua através da pragmática, pois ela é a única capaz de analisar as intenções propostas pelos falantes, como seus propósitos, objetivos e tipos de ações quando faladas em contexto. Utilizaremos abordagens que farão os alunos se apropriarem do inglês durante o dia-a-dia, fazendo suas próprias escolhas linguísticas de função social do idioma, como por exemplo em jogos, estudos de vocabulário, gramática e oralidade.

Rose e Kasper (2001), também reconhecem a importância de utilizarmos a Pragmática dentro do campo do ensino de línguas, pois elas propõem que a Pragmática considera um

---

<sup>3</sup> Consultoria e pesquisa com foco na população das classes sociais CDE.

contexto sociocultural e mencionam que ela não inclui apenas os atos comunicativos da língua, mas também em diversos outros tipos de discurso e eventos de fala que variam em tamanho e complexidade.

Segundo Erton (2007, p. 66, tradução nossa<sup>4</sup>), “O aprendiz deve ter a habilidade de colocar o conhecimento em prática. Tal experiência pode acontecer em diferentes cenários e situações comunicativas.” Dessa forma, a Pragmática será abordada nesse trabalho como estratégia de ensino para proporcionar aos alunos uma visão diferente do idioma, fazendo com que as funções e práticas da língua sejam incorporadas no cotidiano dos estudantes.

Durante a pesquisa, foram analisadas e desenvolvidas atividades adaptadas ao novo cenário de aulas remotas<sup>6</sup> (no município em questão utilizamos aulas gravadas com atividades semanais e os grupos de WhatsApp para dar suporte aos alunos). As estratégias, ferramentas e atividades foram modificadas para atender uma demanda de alunos em diferentes realidades, como alunos que possuem acesso a internet e dispositivos móveis, mas se recusam a participar das aulas; também temos os alunos que tem que trabalhar ou cuidar de irmãos mais novos para ajudar os pais e, por isso, não assistem às aulas; e, por fim, nos deparamos com alunos que moram em zona rural e não possuem dispositivos móveis e nem acesso a internet. Esse foi o maior desafio durante a pesquisa, pois o número de estudantes participantes era muito pequeno.

Entretanto, o cenário de aulas *online* possibilitou uma proposta bastante interessante para a pesquisa: fazer com que os alunos incorporassem a língua aprendida na escola em seu cotidiano, durante sua vivência em casa, interagindo dentro das suas possibilidades de utilização do idioma. Outro fator positivo foi a utilização de novas ferramentas digitais que talvez em ensino presencial não fosse possível por causa das limitações físicas existentes na escola.

Diante dos aspectos mencionados, foram determinados os seguintes objetivos da pesquisa:

**Objetivo geral:**

Discorrer sobre o contexto das escolas públicas e a diferença que nós, professores, podemos fazer dentro dessa realidade, como também expor estratégias utilizando uma abordagem pragmática de ensino no processo de aprendizagem do inglês, corroborando para um ensino efetivo e de qualidade para os alunos pertencentes às escolas públicas brasileiras.

**Objetivos específicos:**

Refletir sobre o papel que a Língua Inglesa (LI) tem dentro das escolas públicas brasileiras, discutindo perspectivas que podem tornar o aprendizado mais leve, prazeroso e acessível, tanto para professores quanto para os alunos;

Analisar de que forma a abordagem pragmática da língua pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem do inglês fazendo com que os alunos usem o idioma no dia-a-dia, considerando o contexto de ensino remoto onde foi realizada a pesquisa.

Como aporte teórico, temos como base os estudos feitos por Leffa (2011), Oliveira e Paiva (2011) e Miccoli (2007) sobre o ensino-aprendizagem de inglês nas escolas públicas brasileiras. Abordamos também os estudos feitos por Yule (1996), e ROSE; KASPER (2001), Erton (2007), O’keeffe; Clancy; Adolphs (2011) e Fiorin (2003) sobre o uso da Pragmática no ensino de línguas. Contribuindo com algumas estratégias de ensino temos Lederman e Potter (2013) e Harmer (2007).

Este trabalho apresentará a seguir as contribuições teóricas, demonstrando estudos que irão embasar a análise prática da pesquisa com fundamentos discorrendo sobre o cenário no

---

<sup>4</sup> The learner should have the ability to put the knowledge of the language into practice. Such an experience can take place in different communicative settings and situations. (Erton, 2007, p. 66)

<sup>6</sup> Ensino *online*, por meio de videoconferências, videoaulas, ferramentas digitais, etc.

qual está inserido o inglês nas escolas públicas e também apontando algumas teorias do uso da pragmática em sala de aula. Posteriormente, as metodologias serão discutidas e as propostas pedagógicas aplicadas em sala de aula. Concluiremos com os resultados e discussões da pesquisa e a conclusão da autora.

## 2 CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA

Como base de análise teórica, temos alguns tópicos que servirão de suporte para nos familiarizarmos com as práticas docentes utilizadas durante a pesquisa. Discorreremos sobre o contexto da LI nas escolas públicas brasileiras, abordando as dificuldades e o papel que o professor desempenha nesse cenário a partir do *British Council* (2015), BNCC (2018), Leffa (2011), Oliveira e Paiva (2011) e Miccoli (2007, 2011); também utilizamos os estudos de Pragmática no ensino de línguas de Erton (2007); Rose e Kasper (2001), Yule (1996) e O'keeffe, Clancy e Adolphs (2011) com intuito de criar uma ponte entre a teoria e a prática docente na sala de aula.

### 2.1 O contexto do inglês nas escolas públicas: dificuldades e o papel do professor

O ensino de inglês nas escolas públicas do Brasil é um misto de dificuldades, desafios e aprendizagens. De acordo com um estudo feito pelo *British Council* em 2015 e elaborado pelo plano CDE (Consultoria e pesquisa com foco na população das classes CDE), que buscou compreender de que forma a LI está inserida na educação pública brasileira. Para tanto, foram realizadas pesquisas em cinco esferas, a primeira em relação às leis brasileiras de educação; a segunda tratou de analisar o perfil dos professores atuantes e também foram realizadas entrevistas, grupos de pesquisas com os docentes; e, por último, se obteve o quantitativo de dados da pesquisa. De acordo com a pesquisa, são inúmeras as barreiras presentes nesse contexto, como salas superlotadas, professores com baixa remuneração, vulnerabilidade social e entre outras características que tornam o ensino-aprendizagem do idioma ainda mais difícil.

As principais dificuldades encontradas são indicativas de ambientes de alta vulnerabilidade social, onde se encontra violência dentro e fora da escola, excesso de alunos nas salas de aula, turmas desniveladas, falta de recursos didáticos, alunos com problemas básicos de leitura e escrita e a existência de funcionários com contratos de trabalho precários e insatisfação com seus salários. (BRITISH COUNCIL, 2015, p. 9)

O estudo ainda menciona a falta de materiais didáticos como uma das principais queixas dos professores da área: “81% dos professores afirmam que a maior dificuldade enfrentada em sala de aula é a falta ou a inadequação dos materiais didáticos.” (BRITISH COUNCIL, p. 15).

A BNCC, que é o documento usado oficialmente pelas escolas do Brasil para assegurar competências específicas essenciais para os estudantes de modo geral, prevê uma perspectiva de ensino do inglês bastante voltada para os usos reais da língua e considera principalmente as vivências sociais e culturais dos alunos. Isto nos remete diretamente para um estudo pragmático da língua, que será abordado mais à frente:

Para além da definição do que é certo e do que é errado, essas descobertas devem propiciar reflexões sobre noções como “adequação”, “padrão”, “variação linguística” e “inteligibilidade”, levando o estudante a pensar sobre os usos da língua inglesa, questionando, por exemplo: “Essa forma de

usar o inglês estaria ‘adequada’ na perspectiva deLíngu quem? Quem define o que é o ‘correto’ na língua? Quem estaria incluído nesses usos da linguagem? Quem estaria silenciado?” (BRASIL, 2018, p. 241)

Ou seja, os alunos devem adquirir competências necessárias para desenvolver habilidades comunicativas de uma perspectiva global, necessitando não apenas de aulas expositivas ou com foco em gramática, mas principalmente de metodologias que façam com que os alunos realmente utilizem o idioma e sintam interesse pelo mesmo. Pois, como diz o ilustre Paulo Freire, “a teoria sem a prática vira verbalismo”, e é aí que nos deparamos com a realidade quando nós, professores, encaramos a sala de aula.

De acordo com a pesquisa feita pelo British Council, o material mais utilizado em sala de aula é o livro didático, porém também é um dos que mais desmotivam o aluno a aprender, considerando principalmente que a maioria das atividades desenvolvidas nos livros didáticos, pelos professores, tenham foco na habilidade de escrita dos estudantes. Diante disso, ainda surgem muitos outros empecilhos:

O segundo maior desafio apontado pelos professores é o sentimento de desvalorização do seu trabalho, seja como decorrência do tratamento a ele dispensado pela escola, ou por parte dos alunos. 59% dos professores sentem que o ensino do inglês é desvalorizado ou é distante da realidade dos alunos. (BRITISH COUNCIL, 2015, p. 18)

A pesquisa traz à tona a realidade da maioria dos professores da rede pública de ensino, e a desvalorização da nossa prática docente influencia de forma negativa quando falamos de aprendizagem efetiva, pois o aluno deve estar entusiasmado durante a aula para desenvolver as habilidades necessárias para aprender o idioma, bem como o professor deve estar engajado para propiciar um ensino de qualidade.

Leffa (2011) cita que dentro do contexto das escolas públicas no Brasil, surgem o que ele denomina de “bodes”, ou seja, culpar algo ou alguém. Que existem diversas dificuldades, nós já sabemos, mas acabamos querendo colocar essa culpa em alguém. O autor menciona que os principais “culpados” são: o governo, o professor e o discurso dos alunos, pois o governo se apropria de um discurso que não é cumprido; na prática, o professor que cai no comodismo e finge ensinar; e do próprio aluno que já tem um discurso enraizado pela sociedade e pela sua própria vivência e entusiasmo de estudar.

O governo, segundo Leffa (2011), deveria ser aquilo que discursa, criando e possibilitando aquilo que é falado: um ensino de qualidade para todos. porém, sabemos que não é bem isso que acontece, pois existe um jogo político e econômico por trás dessa esfera:

Com as leis que restringem o acesso à língua estrangeira na escola pública, não dando as condições mínimas para sua aprendizagem, seja pela carga horária escassa, pela falta de materiais para o aluno, pela descontinuidade do currículo, deixa-se de dar ao aluno nem mesmo o conhecimento de uma única LE. Isso é responsabilidade do governo. (LEFFA, 2011, p. 20)

O professor, que muitas vezes é considerado o principal culpado, é apontado por não ter domínio da língua e, por isso, colabora para o fracasso da educação pública. Segundo Leffa (2011), ter o domínio do idioma não reflete em ser automaticamente um bom profissional, mas devemos ter pelo menos esse domínio para que, juntamente com outras competências, consigamos assegurar que os alunos aprendam de forma efetiva.

Já o aluno, segundo o autor, cresce em meio a uma sociedade que cria uma “barreira linguística”: no sentido de que crescemos escutando que não sabemos nem mesmo o

português, quanto mais o inglês, um idioma que só é ‘preciso’ se for viajar para o exterior (LEFFA, 2007). Além disso, ele fala que uma das principais razões para o aluno que não estuda é simplesmente a falta de objetivos dentro do ambiente escolar.

Há ainda, a ideia já consolidada de que não se aprende inglês nas escolas públicas, algo que também é bastante veiculado pelo *marketing* dos cursos particulares de inglês que atualmente se intitulam eficientes para ensinar idiomas, enquanto que o ensino público é cada vez mais desvalorizado: “As escolas públicas são imaginadas como ruins e os cursinhos são idealizados como o lugar ideal para se aprender uma língua estrangeira.” (OLIVEIRA; PAIVA, 2011, p. 44)

Portanto, reconhecemos que esse contexto no qual estamos inseridos não favorece o ensino aprendizagem da LI, mas há esferas em que nós, como profissionais da educação, não podemos mudar apenas com nossa docência (como as esferas do governo). Dessa forma, e de acordo com Miccoli (2011), é necessário que mudemos nossa visão de mundo e de ensino e que também mudar a visão dos alunos sobre a educação e como ela pode fazer a diferença na vida deles mesmos e da sociedade como um todo.

Como mencionado, vimos que, dentro do contexto das escolas públicas, existem diversas barreiras que impedem um aprendizado efetivo da língua, mas também veremos que é possível promover um ensino de qualidade dentro dessa realidade que estamos inseridos. De acordo com Oliveira e Paiva (2011, p. 39), “A escola sozinha não reúne condições necessárias para que alguém aprenda uma língua, e as experiências de aprendizagem não podem ficar restritas à escola, mas o professor pode estimular o aprendiz a ir além.”. Ou seja, o professor tem um papel essencial no processo de aprendizagem do idioma dos estudantes.

É importante visualizarmos nossa missão, enquanto educadores, pois os estudantes, como citam Murphey, Jin e Li-chi (2005 *apud* OLIVEIRA E PAIVA, 2011), precisam ter admiração e gosto pelos professores contribuindo, assim, para que eles se imaginem em uma comunidade que fale inglês e aceitem aprender, apesar das dificuldades encontradas (MURPHEY, JIN E LI-CHI, 2005 *apud* OLIVEIRA E PAIVA, 2011). Esse pontapé é essencial quando trabalhamos com um estudante que muitas vezes não tem perspectiva ou motivação nos estudos, ou mesmo quando o aluno anseia aprender, mas não encontra um apoio e é aí que entra o professor: para ser um estimulador, motivando de diversas formas os aprendizes.

O propósito de discutirmos esse tópico específico no trabalho não está em culpar os professores ou julgar práticas inadequadas de ensino, mas em mostrar que em um contexto em que praticamente ninguém acredita (governo, escola, sociedade, aluno), um professor empenhado em motivar os alunos agrega de maneira muito positiva na obtenção de resultados satisfatórios quanto ao aprendizado de línguas.

Harmer (2001) abre uma discussão sobre como a motivação é fundamental na vida e mais especificamente para os aprendizes de um segundo idioma. Ele define que motivação é um mecanismo interno que nos leva a realizar atividades e que depende de muitos fatores. O autor menciona a motivação extrínseca e a intrínseca, sendo a primeira relacionada a elementos externos, presentes no nosso meio. Em aprendizagem de idiomas a motivação extrínseca pode ser relacionada a passar em alguma prova, fazer alguma viagem pro exterior ou mesmo conseguir uma melhor oportunidade de emprego. A motivação intrínseca mencionada por Harmer tem relação com um desejo pessoal do aprendiz, em se sentir entusiasmado com o processo de aprendizagem ou mesmo para trazer satisfação própria, melhorando sua autoestima.

Dessa forma, fica evidente que motivar os alunos e fazê-los se sentir encorajados nas aulas proporciona um aprendizado mais efetivo. Harmer (2001) também menciona outros aspectos relacionados à motivação, como, por exemplo, as fontes de motivação dos estudantes e como podemos criar e manter essa motivação nos alunos. O uso de uma boa atmosfera na

sala de aula, um ambiente acolhedor e um método que funcione para a realidade do estudante são fundamentais para desenvolver essa esfera de aprendizado.

Miccoli (2007, p. 54) fala que é possível encontrarmos professores que ensinem utilizando uma abordagem tradicional, contudo se empenham em trazer uma proposta mais comunicativa da língua dentro de projetos que aparecem em alternativa ao uso do livro didático. Ou seja, às vezes, o único recurso que o professor tem é o livro didático, e mesmo um professor que mantenha uma postura tradicional ainda se preocupa em trazer para os alunos propostas que contribuem significativamente no aprendizado deles. É isso que muitas vezes faz a diferença na sala de aula: a postura como o docente encara o ensino e como ele quer transformar sua realidade com o que ele tem disponível.

Cruz e Lima (2011, p. 188) citam que “A ação repetitiva de muitos professores, o ‘reestudo’ dos mesmos tópicos gramaticais, a dissociação da LE com o universo de interesse dos alunos acaba por matar o inglês na escola.”. Com isso, as autoras explicam que se percebe muito interesse nos alunos no início do Ensino Fundamental, quando irão começar a estudar inglês pela primeira vez (e aí também entra o fator da curiosidade, que é bastante positivo para quem quer aprender um novo idioma). Porém, essa motivação e entusiasmo vão se perdendo ao passar dos anos escolares e, ao final do Ensino Médio, a desmotivação e a expectativa já foram perdidas ou atenuadas.

Em seus estudos, Miccoli (2007) também aborda essa questão da perda de interesse dos estudantes: “O interessante é que os professores percebem os alunos mais novos como mais motivados do que os mais velhos, que em sua maioria ou têm mais dificuldades ou perderam o interesse em aprender.” (MICCOLI, 2007, p. 62). Esse fator demonstra que devemos analisar o ensino como algo contínuo; instigar, no aluno mais novo ou de turmas iniciais, sua curiosidade e seu desejo de aprender; como também reconhecer, no aluno mais velho ou de turmas finais, sua trajetória e tentar utilizar estratégias para motivá-lo a querer aprender.

Uma postura de ficar “mudo” em relação ao que acontece ao nosso redor, como professores, também é uma questão bastante preocupante, como cita Siqueira (2011, p. 102): “Calar-se, ficar mudo, afirmar que o ensino na escola pública não funciona é exatamente fomentar a profecia autorrealizadora de que falta alguma coisa no aluno da escola pública que o impede de aprender e que, por isso, seu rendimento escolar será sempre deficitário.”

Também veremos que o papel do professor influencia em relação à aprendizagem dos estudantes. Miccoli (2007) revela que ao ficarmos presos em “dominar” a aula ou em sermos o “centro” em sala pode tomar do aprendiz sua autonomia e prejudicar no seu aprendizado.

Abrir mão do controle, adotar um papel que permita aos estudantes uma contribuição mais significativa às atividades de sala de aula, deixar de ser o ator na sala de aula para ser o observador das realizações dos estudantes são iniciativas que devem ser encorajadas para que os estudantes sejam mais bem sucedidos, revendo inclusive seu papel passivo em sala de aula. Um professor que se proponha a um papel mais interativo, orientador e observador testemunhará mudanças positivas em sua sala de aula. (MICCOLI, 2007, p. 61)

Contribuindo com uma estratégia motivacional, utilizaremos o uso de jogos para promover o engajamento durante as aulas de LI. Para isso, utilizaremos as autoras Lederman e Potter (2013) que desenvolvem jogos para serem utilizados em aulas de LI, considerando o nível dos alunos, pontos gramaticais e trabalha as quatro habilidades (leitura, escrita, escuta e fala) de forma divertida e interativa.

Sobre a utilização dos jogos as autoras pontuam que “No jogo o aluno exercita a imaginação, a capacidade de planejar, de imaginar situações diversas, de representar papéis e



de imitar situações.” (LEDERMAN; POTTER, 2013, p. 08). Desse modo, sua utilização nas aulas de LI desenvolvem nos alunos habilidades que vão além do aprendizado do idioma, propiciando interação e satisfação no aprendizado.

Lederman e Potter (2013) também mencionam que utilizar os jogos para aprender inglês insere os alunos no contexto real da língua, pois a linguagem deles é autêntica e não precisa da mediação do professor, visto que os jogos possuem regras e o principal objetivo é solucionar problemas. Isso desenvolve nos alunos sua capacidade de usar a língua de acordo com o objetivo proposto no jogo, incorporando-a no cotidiano dos mesmos.

Além desse fator, as autoras mencionam os jogos como fatores motivadores, de modo que ele pode ser incorporado no planejamento do professor desde a apresentação de um conteúdo até uma produção de linguagem, no *feedback* ou mesmo em uma revisão. Por conseguinte, ainda são mencionados os benefícios dos jogos, como, por exemplo, criar uma relação de proximidade entre aluno e professor, podendo ser utilizados em diversos níveis de turmas e de faixa etária e proporcionam um ambiente descontraído e motivador na sala de aula.

Portanto, apesar de haver inúmeras dificuldades, não podemos fechar os olhos para o que está acontecendo, não podemos ficar mudos a ponto de não conseguirmos dar uma palavra de apoio, um voto de confiança e usar o conhecimento para transformar a realidade em que vivemos. O professor tem o dever de se impor, de mudar sua realidade, pensando sempre no aprendizado dos alunos, buscando conhecimento para transformar o ensino em algo mais leve e prazeroso. Dessa forma, abordaremos no próximo tópico como uma abordagem pragmática de ensino pode favorecer a prática docente e auxiliar os estudantes a se sentirem entusiasmados a aprender a LI.

## 2.2 A Pragmática no ensino de línguas

Iniciaremos nossa discussão sobre o uso da Pragmática no ensino de inglês com os estudos feitos por Miccoli (2007): “É preciso discutir com professores formas de integrar as quatro habilidades em salas de aula de 30 ou 40 alunos, apresentando experiências bem sucedidas que atestem sua viabilidade.” (MICCOLI, 2007, p. 57). discorreremos sobre uma abordagem que pode ser muito eficaz para se trabalhar em contextos de turmas desniveladas, salas superlotadas e dificuldades de recursos didáticos presentes na maioria das escolas públicas do Brasil. O estudo da Pragmática abrange várias áreas e têm sido cada vez mais discutido em trabalhos acadêmicos. A Pragmática é conceituada por vários autores e está relacionada principalmente com o contexto de fala e uso da língua, como veremos adiante.

Os estudos de Fiorin (2003) sobre a língua em uso abordam a Pragmática como a ciência do uso linguístico, considerando a utilização da linguagem e da prática linguística. O autor fala da Pragmática de modo bastante especial, visto que, anteriormente, a ciência linguística não a considerava como objeto de análise, “No entanto, em muitos casos, a comunicação não é literal e, por conseguinte, só pode ser entendida dentro do contexto.” (FIORIN, 2003, p. 168). considerando essa afirmação, podemos perceber que, para aprender uma língua, não é suficiente memorizarmos discursos prontos ou decorar regras gramaticais, pois o uso da língua ocorre de forma espontânea dentro de um contexto.

Além disso, Fiorin (2003, p. 185) afirma que “O objeto da Pragmática é a produção e a interpretação completa dos enunciados, em situações reais de uso. Ela busca explicar como as produções e interpretações levam em conta não somente a língua, mas também o contexto.”. Ou seja, utilizar a pragmática integra os alunos a desenvolverem suas capacidades de se relacionar em diferentes contextos de forma espontânea e autêntica. Além disso, o uso da Pragmática implica em mostrar a língua situada em um contexto comunicacional, diferente de apresentar o idioma apenas através de aspectos gramaticais prontos dissociados de contexto.

O conceito da Pragmática é abordado por Yule como sendo: “A pragmática é o estudo das relações entre as formas linguísticas e os usuários dessas formas.” (YULE, 1996, p. 03, tradução nossa<sup>8</sup>). Ele fala da Pragmática considerando suas relações linguísticas com as escolhas linguísticas feitas pelos usuários da língua. Yule (1996) menciona que a vantagem de estudar a língua através da Pragmática é que nós podemos falar sobre vários tipos de ações das pessoas no momento em que elas estão produzindo a fala. Para Yule, nós produzimos uma sentença com alguma função específica, e é isso que faz a diferença no ensino de línguas: usar o idioma com uma função dentro do contexto, proporcionando aos alunos sentirem utilidade naquilo que estão aprendendo e, com isso, proporcionar uma aprendizagem efetiva do idioma.

Rose e Kasper (2001) conceituam a Pragmática como “o estudo das ações comunicativas em um contexto sociocultural”. (ROSE; KASPER, 2001, p. 06, tradução nossa<sup>9</sup>) As autoras também remetem a um ponto muito importante: conhecimento “linguístico-pragmático”, abordando que os alunos já detêm muito desse conhecimento e que ele serve como ponte entre a Primeira Língua (L1) e a Segunda Língua (L2) quando consideramos relações de contexto e efeito.

Esse conhecimento “linguístico-pragmático” abordado pelas autoras nos remete a um conhecimento que se refere aos contextos de utilização da língua, como por exemplo usos e funções que podem ser utilizadas em contextos do idioma materno e da língua alvo de estudo, ao mesmo tempo. Elas mencionam que, como os alunos já têm esse conhecimento, nós podemos utilizá-lo durante nossas aulas para auxiliar na aquisição da L2. “Há, então, um papel claro na intervenção pedagógica, não com o propósito de fornecer novas informações aos estudantes, mas de torná-los conscientes do que eles já sabem e encorajá-los a utilizar seu conhecimento universal ou transferível da L1 em contextos da L2.” (ROSE; KASPER, 2001, p. 07, tradução da autora<sup>10</sup>)

De acordo com Erton (2007), os alunos tem que ter a oportunidade de aprender e praticar as diferentes funções da língua, colocar em prática é muito importante para assegurar um aprendizado efetivo. E é isso que queremos proporcionar aos alunos: utilizarem a língua enquanto função e dentro de um contexto, considerando sempre sua realidade e o que é possível dentro dela.

Erton (2007), enfatiza algumas questões a serem mencionadas quando falamos da competência pragmática, principalmente considerando sua relação com o ensino-aprendizagem de línguas. O autor menciona que nós não podemos considerar as quatro habilidades (leitura, escrita, escuta e fala) de forma isolada, mas temos que utilizá-las considerando: as metas e objetivos do curso de idiomas; que o professor deve encorajar os estudantes a fazerem uso das funções pragmáticas da língua visando à comunicação; e que também devemos fazer uso de atividades que desenvolvam os conhecimentos socio e linguístico pragmáticos por parte dos alunos.

Consideremos que Erton (2007) inferiu a importância dos objetivos durante o curso (ou ensino) de línguas. isso porquê é através dessas metas que remetemos o foco no estudante, priorizando suas necessidades para melhorar sua competência comunicativa. Sobre o professor encorajar os alunos. O autor menciona que, ao trabalhar a gramática, não podemos nos deter em ensiná-la isoladamente, mas devemos ensiná-la assegurando que os estudantes

---

<sup>8</sup> Pragmatics is the study of the relationships between linguistic forms and the users of those forms. (YULE, 1996, p. 03)

<sup>9</sup> the study of communicative action in its sociocultural context. (KASPER, ROSE, 2001, p. 06)

<sup>10</sup> There is thus a clear role for pedagogical intervention, not with the purpose of providing learners with new information but to make them aware of what they know already and encourage them to use their universal or transferable L1 pragmatic knowledge in L2 contexts. (ROSE; KASPER, 2001, p. 07)

priorizem seus usos e funções dentro de um contexto sociocultural, fazendo com que os mesmos utilizem a língua em situações reais.

Outro tópico abordado por Erton (2007) remete ao uso de atividades que desenvolvem a competência pragmática pelos estudantes, como, por exemplo, observações de diversas situações diferentes como em vilas ou estações de trem, considerando alguma fonte específica como a fala, leitura ou escuta. O autor nos fala que esse tipo de atividade auxilia os estudantes a estabelecer uma conexão entre as funções pragmáticas e as formas linguísticas:

O desenvolvimento da competência pragmática com todos os seus aspectos, ajuda os aprendizes de línguas a ampliar sua educação e moldar suas visões de mundo. Se o estudante de idiomas não atinge a maioria desses objetivos por meio do processo de aprendizagem de línguas, o resultado será absolutamente um 'fracasso pragmático'! (ERTON, 2007, p. 68, tradução nossa<sup>11</sup>)

Considerando os estudos feitos por Anne O'Keeffe, Brian Clancy, Svenja Adolphs (2011), os autores consideram que a língua em uso é altamente dependente do contexto e que seus usos devem ser considerados além de uma sentença específica, ou seja, para eles tudo depende da pragmática, se tratando da língua em contexto. Os autores definem a Pragmática como sendo o estudo das relações entre contexto e significado e, portanto, agregam muita importância em seus estudos sobre ensino.

Dessa forma, os professores devem estar cientes de que um processo efetivo de aprendizagem acontece quando as atividades proporcionam aos alunos a oportunidade de utilizar as competências linguístico e socio pragmáticas da língua alvo (O'KEEFFE; CLANCY; ADOLPHS, ano *apud* TAKIMOTO, 2011). Para os autores, além de fornecermos atividades em que os alunos possam desenvolver suas habilidades pragmáticas, devemos também considerar o contexto em que eles estão inseridos, pois, assim, podemos garantir que os estudantes façam uso o idioma em seu dia-a-dia.

Os autores também pontuam duas razões para se utilizar a Pragmática na sala de aula: a primeira está relacionada a sua necessidade em sala e a segunda se justifica por ser efetiva, quando tratamos de língua em uso (O'KEEFFE; CLANCY; ADOLPHS, 2011). Além disso, quando olhamos para o idioma buscando atribuir uma função de uso no cotidiano dos alunos, nos desprendemos de ter que ensinar apenas regras gramaticais ou vocabulários soltos e passamos a integrar a gramática e vocabulário fazendo com que eles façam parte da vida dos estudantes de alguma forma, seja por meio de uma conversação ou atividades que proporcionem integrar língua e o contexto dentro da realidade dos mesmos.

Portanto, utilizar a Pragmática na sala de aula abrange uma infinidade de possibilidades, como utilizar jogos, produções orais, gramática considerando suas funções reais, atividades que estabelecem metas no dia-a-dia, etc. A Pragmática também nos possibilita combinar outras abordagens e competências, facilitando no momento prático, em que temos que lidar com turmas numerosas, alunos desmotivados e falta de recursos didáticos. Todas essas possibilidades serão abordadas na metodologia desse trabalho.

### 3 METODOLOGIA

---

<sup>11</sup>: The development of the pragmatic competence with all its aspects, help the language learners to broaden their education and shape their world views. If the language learner does not achieve most of these goals through the language learning process, the result will absolutely be a 'pragmatic failure'! (ERTON, 2007, p. 68)

A pesquisa em questão é classificada como um estudo de caso, visto que o objeto de análise se refere a duas salas de aula observadas pela pesquisadora, ou segundo Severino (2013, p. 105), “Pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo.”. Antes de analisarmos as aulas propostas, apresentaremos o contexto em que ocorreram as mesmas. As aulas foram realizadas numa escola pública do município de Alcantil-PB, tendo como *corpus* de análise duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II.

De início, o projeto de pesquisa havia sido desenvolvido para ser aplicado no contexto de aulas presenciais. porém, em março tivemos nossas atividades suspensas na escola em virtude da pandemia instaurada pelo novo coronavírus e só houve retorno das atividades no início do mês de maio, de forma remota (aulas *online*). Diante do contexto da pandemia e considerando algumas dificuldades presentes no município, encontramos um cenário nunca antes visto, pouco discutido e pouco explorado.

Trabalhar com aulas de forma *online* em uma cidade de interior, com poucos habitantes e uma boa parcela da população proveniente de zona rural, onde não existe ou há muito pouco acesso à internet e celular, foi o maior desafio enfrentado por nós professores desse município. Uma maneira que encontramos para contornar essa situação foi através aulas gravadas, assim evitaríamos que os alunos que não pudessem comparecer a uma videoconferência ficassem sem participar das aulas. Desde então, funciona até hoje dessa forma: elaboramos as vídeo aulas semanalmente, um dia da semana é destinado a postagem da aula e em outro dia os alunos fazem a devolutiva dos exercícios propostos, enquanto que os professores fazem as correções (que podem ser individuais ou em grupo).

Porém, o ensino remoto não nos permite chegar a todos os estudantes. Geralmente, a participação deles é em torno de 30% do total da sala, ou seja, em uma sala de 30 alunos, a participação é de aproximadamente 9-10 alunos. Alguns alunos têm todas as ferramentas necessárias para assistir as aulas, mas simplesmente se recusam a fazê-las. Outra situação são os alunos que não possuem nenhuma ferramenta disponível para assistir as aulas, e, nesse caso, nós adaptamos atividades impressas (com explicações em textos, alguns utilizam mapas mentais, imagens, entre outras estratégias) que são disponibilizadas nas escolas para que os responsáveis busquem e depois devolvam respondidas pelos alunos.

A partir desse cenário, a pesquisa foi dividida em atividades semanais, nas quais foram analisadas quatro semanas de aulas, correspondendo do dia dezesseis de setembro à sete de outubro de 2020. A princípio, cada semana traz uma proposta de atividade que contempla uma abordagem pragmática do ensino de LI, trazendo também estratégias utilizadas para minimizar as possíveis dificuldades encontradas no ensino remoto.

As turmas analisadas durante a pesquisa remetem ao ano final do Ensino Fundamental II (9º ano), sendo formadas por estudantes entre a faixa etária de 15-18 anos de idade. A turma possui um nível de inglês que varia entre o básico e o intermediário, possuindo conhecimento maior na área de vocabulário. A pandemia também contribuiu para afastar os estudantes de um dos únicos lugares onde ocorria o aprendizado do idioma alvo, portanto o nível linguístico deles teve pouco desenvolvimento.

O material didático utilizado durante as aulas foi adaptado. Em aulas presenciais utilizaríamos o quadro branco, marcadores, cartões em papelão, caderno, lápis e gravuras retiradas de livros e revistas. Em aulas presenciais, também prezaríamos por organizar a sala em círculo, promovendo a interação dos estudantes. Porém, no contexto de aulas remotas, utilizamos o YouTube (plataforma onde postamos as videoaulas), o *whatsapp* (principal ferramenta de comunicação com os alunos, através dos grupos e do privado) e, além disso, outras ferramentas que auxiliam no processo online (como a plataforma *Quizz*, o *Google Classroom*, o *Google Meet*, *blogs*, o *Google Forms*, o *Google Tradutor*, dentre outras possibilidades).

Sendo assim, a análise parte de colocar em prática conceitos da Pragmática fundamentados por Rose e Kasper (2001), Erton (2007) e O’keeffe, Clancy e Adolphs (2011) e propor estratégias para tornar as aulas do ensino público mais prazerosas e acessíveis, tanto para os alunos, quanto também para os professores desse contexto. Portanto, traremos aulas diversificadas que coloquem o aluno como protagonista, o motivem e priorizem o uso do inglês em seu cotidiano.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS

Retomando o objetivo geral desta pesquisa, apresentaremos nesta seção algumas estratégias utilizadas no meu trabalho como professora de LI do Ensino Fundamental, que buscou através de uma abordagem pragmática de ensino transformar as aulas de inglês em um ambiente que fizesse com que os alunos reconhecessem o aprendizado como algo prazeroso e, além disso, pudessem fazer uso do idioma dentro da sua realidade, considerando o contexto e o que foi possível desenvolver dentro dele.

Foram analisadas as aulas que ocorreram em um mês, dividido em quatro semanas de atividades, em uma escola pública do município de Alcantil/PB. Utilizando como apoio teórico os estudos de Rose e Kasper (2001), Erton (2007) e O’keeffe, Clancy e Adolphs (2011) sobre o uso da pragmática no ensino de línguas, apresentaremos estratégias de como utilizar essa abordagem no ensino público através de diferentes tipos de atividades desenvolvidas. Também utilizaremos Harmer (2001) nos debruçando sobre aspectos da motivação na sala de aula; e Lederman e Potter (2013) com uma breve discussão sobre os usos dos jogos nas aulas de Língua Estrangeira (LE).

##### 4.1 Atividades propostas como utilização da abordagem pragmática

Durante o ensino remoto, trabalhamos com atividades desenvolvidas semanalmente, desse modo, o plano de aula foi dividido em quatro etapas. Primeiro, apresentamos uma revisão prévia dos conteúdos que compõe o *first conditional* (*present simple* e *future with will*). Na segunda semana, foi trabalhada a estrutura e função do *first conditional* a partir de frases em de contextos específicos. A terceira semana foi dedicada a assistir um vídeo do *YouTube* na qual são apresentados vocabulários utilizados dentro de um supermercado nos Estados Unidos, trabalhando aspectos culturais e também o conhecimento prévio dos estudantes. Na última semana de análise, foi proposta uma atividade em forma de um jogo, com intuito de, finalizar os estudos sobre o *first conditional*, bem como colocar os alunos como autônomos na produção do idioma alvo.

###### 1º semana: 16/09/2020.

Durante a primeira semana (aula do dia dezesseis de setembro de 2020) abordamos o *first conditional* fazendo uso de uma frase bastante utilizada pelos estudantes em português (“Se você não estudar, não irá passar”). A partir dessa sentença, iniciamos a discussão sobre os aspectos que compõe o *first conditional* e foi realizada a revisão dos mesmos, sendo eles o *present simple* e o *future with will*.

Trabalhamos a habilidade da escrita propondo duas atividades de prática do inglês em forma de desafio. Primeiro, desenvolvemos sobre as características (explorando o tempo verbal para descrever ações com o verbo principal em sua forma básica) e as funções de utilização do *present simple* (durante a vídeo aula). logo depois foram apresentadas as características e usos do *future with will* (discutindo também as outras formas de falar no futuro em inglês, mas considerando o auxiliar *will* por possibilitar falar de algo decidido no ato da fala e também por se tratar de um futuro “incerto”, propondo suposições de comunicação). Também foram apresentados exemplos dos dois aspectos gramaticais. Observe a imagem de apresentação da aula, abaixo:

Figura 1 - apresentação do *first conditional*

## FIRST CONDITIONAL:

---

• IF YOU DON'T STUDY YOU WILL NOT PASS.



Fonte: autoria própria.

Diante do cenário das aulas não presenciais em que os alunos não possuem mais a convivência diária na escola e junto com seus colegas, é importante revisar conteúdos que possam dificultar o aprendizado de um conteúdo mais complexo. Esse primeiro desafio engaja os alunos a utilizarem o *present simple* para descrever suas ações. Além disso, eles também têm a oportunidade de incorporar o inglês em sua vida cotidiana. Reiterando os estudos feitos por Rose e Kasper (2001), onde a abordagem pragmática dá aos estudantes a oportunidade de fazer uma ponte entre o conhecimento prévio e o conhecimento da língua alvo. Sendo feita essa breve revisão, foram lançados dois exercícios em forma de desafios:

Figura 2 - primeiro desafio

## Primeiro desafio:

---

- Nessa atividade, vocês terão que realizar ao longo do dia:
- Vocês deverão ficar com um papelzinho e anotar, durante o dia, 05 coisas que vocês fazem, ou seja, as 05 frases deverão estar no Present Simple.

Fonte: autoria própria.

No segundo desafio, os alunos devem fazer uma lista com atividades que eles pretendem fazer. Portanto, eles revisarão e praticarão o *simple future* (utilizando *will*). Esse desafio, além de trabalhar a gramática e o uso real da língua, também engaja os alunos a organizarem seus afazeres, criando uma pequena rotina diária que ajuda bastante no cenário atual da pandemia. Para esse desafio, temos como apoio os conceitos de Harmer (2001) sobre

a motivação em sala e o papel o professor. Considerada como motivação intrínseca, aquela que vem do desejo do estudante de aprender e de sentir entusiasmo por aquilo que aprende, surgiu a ideia de propor as atividades em forma de desafio, pois os alunos são encorajados a realizar o que foi proposto pelo professor. Abaixo eu mostrei minha *to do list* para ser exemplo para meus alunos:

**Figura 3 - segundo desafio**

## 2º desafio:

---

- O segundo desafio é para vocês criarem uma TO DO LIST.
- Ou seja, uma lista com coisas para fazer.



Fonte: autoria própria.

**Figura 4 - exemplo da to do list**

## Exemplo:

---

### TO DO LIST

1. I will organize my papers.
2. I will play with Miguel.
3. I will read a book.
4. I will walk on Friday.
5. I will wash my hair.



Fonte: autoria própria.

A primeira semana teve também como principal objetivo mostrar aos alunos que é possível incorporar o estudo de inglês no cotidiano com coisas simples. De acordo com Yule (1996), o que faz a diferença no aprendizado de línguas é justamente incorporar uma função naquilo que se aprende. Se no cotidiano, ou mesmo na sala de aula, aquilo que foi proposto pelo professor tiver uma função real na vida dos estudantes, o aprendizado se tornará bem mais prazeroso e efetivo.

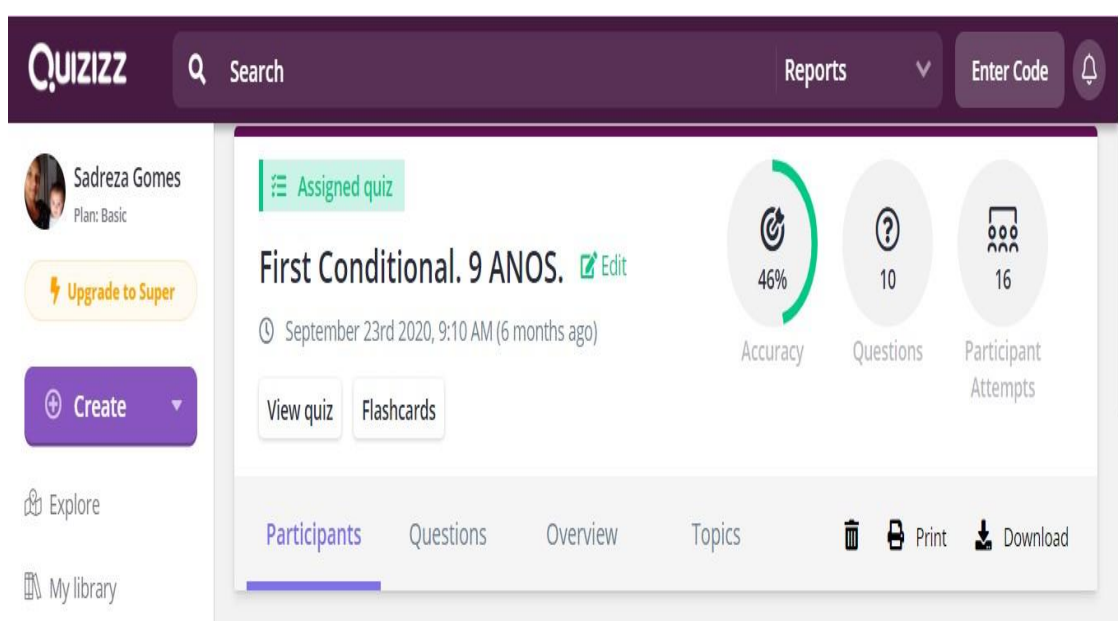
**2º semana: 23/09/2020.**

Na segunda semana, tivemos como objeto de estudo as regras gramaticais e a estrutura que compõe o *first conditional*, como a aula foi mais expositiva, com explicações e exemplos,

foi utilizado um quiz na plataforma *quizizz.com*<sup>12</sup>. A utilização do *quiz* tem como objetivo engajar os alunos a responder uma atividade que, se fosse escrita, causaria desânimo na hora de solucionar as questões.

O'keeffe, Clancy e Adolphs (2011) trazem em seus estudos sobre Pragmática que um quesito essencial a se considerar é o contexto (visto que estamos lidando com alunos que estão encarando uma nova realidade em decorrência da pandemia atual e também da falta de espaços onde possam desenvolver a língua alvo) em que os alunos estão inseridos. Trazer propostas de atividades que incorporem função da língua e o que é possível fazer dentro dessa situação específica é fundamental para tornar o aprendizado efetivo. A partir desse posicionamento, recorremos ao uso o *quiz*, que além de ser um momento oportuno para utilizá-lo (no cenário de aulas remotas), é também uma atividade em forma de jogo, o que traz para o aluno familiaridade com o que ele já conhece e utiliza. As figuras abaixo mostram a plataforma que foi utilizada e também o rendimento dos estudantes em alguns aspectos:

**Figura 5 - rendimento da turma na plataforma *quizizz***

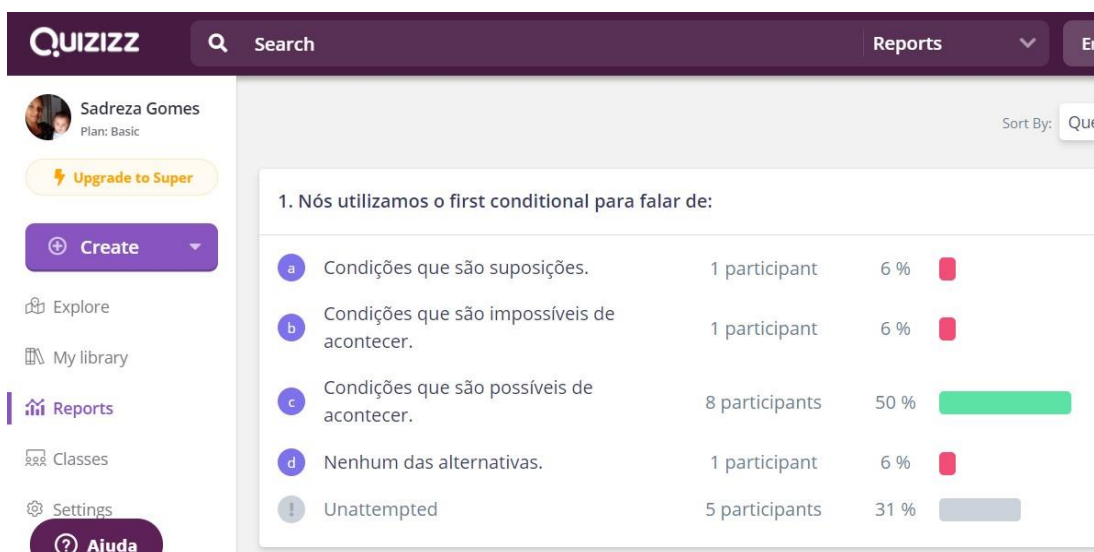


Fonte: autoria própria.

<sup>12</sup> Plataforma *online* de *quizzes*, que podem ser utilizados em sala de aula. A plataforma tem recursos de criação de jogos e atividades que auxiliam os aprendizes no momento de realização de exercícios e de avaliação. Disponível em <https://quizizz.com/> <acesso em 28 de abril de 2021, às 10:20>

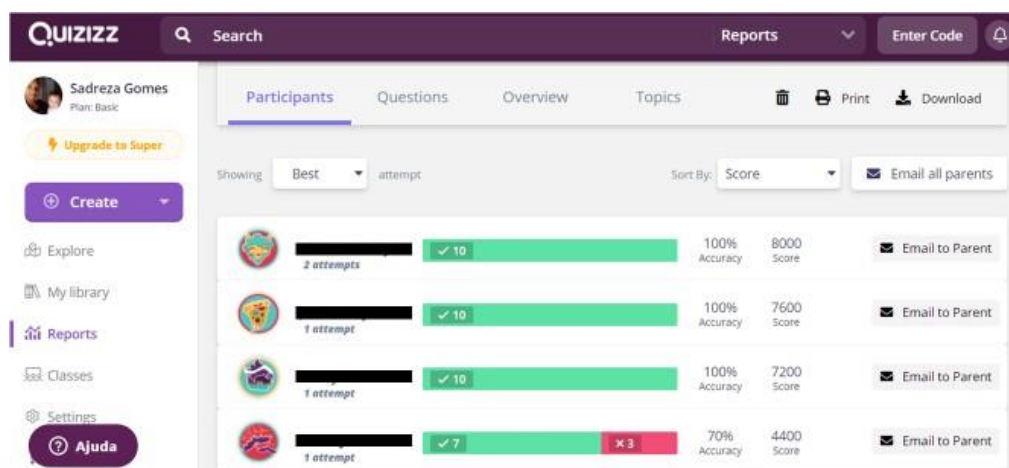


**Figura 6 - porcentagem de acertos e erros em uma pergunta**



Fonte: autoria própria.

**Figura 7 - ranking de acertos do quiz**



Fonte: autoria própria.

Ao utilizarmos o quiz, também vamos de encontro ao que diz Harmer (2001) sobre o método que utilizamos. Para o autor é essencial que este seja confortável para o estudante e para o professor. dessa forma, as atividades nas quais os alunos se sentem “acolhidos”, engajados e dentro da sua realidade, proporcionam um rendimento mais satisfatório. Harmer (2001) também menciona que devemos considerar aspectos que estão na sociedade/meio em que os alunos estão inseridos. portanto, utilizar algo comum aos alunos e que incorpore o inglês em ações que os alunos já praticam (considerando aqueles alunos que já consomem jogos virtuais em inglês) favorece a motivação do estudante em aprender a língua.

**3º semana: 30/09/2020**

Na aula da semana 03, trabalhamos o vocabulário presente nos supermercados com uma videoaula do canal *English Yourself*<sup>13</sup>. A aula teve como objetivo trabalhar uma questão

<sup>13</sup> Desenvolvido pela professora Lilian Bittencourt, onde ela promove vídeos em que o inglês é abordado de maneira leve e descomplicada. Disponível em <https://www.youtube.com/c/EnglishYourself/featured> <acesso em 28 de abril de 2021, às 10:30>

cultural do idioma e incorporar o estudo desse vocabulário no cotidiano dos alunos, de forma reflexiva. O interessante em dar essa “pausa” quando trabalhamos um ponto gramatical, é que, entre duas aulas desenvolvendo algo mais complexo, podemos partir para algo mais leve e prazeroso de ser aprendido.

O principal objetivo ao assistir o vídeo era reconhecer as principais diferenças entre os supermercados americanos e os da cidade onde vivemos. Também conseguimos trabalhar o vocabulário dentro dessa situação específica e tentar criar uma ponte com o que já sabemos e o que é novo para os estudantes, reiterando os estudos de Rose e Kasper (2001) sobre fazer essa ligação entre o conhecimento pragmático-linguístico dos aprendizes. Foram elaboradas algumas questões para guiar o aluno durante a videoaula:

**Figura 8 - questões exploradas dentro do vídeo**

## Resposta de acordo com o vídeo:

1. Como se diz supermercado em inglês?
2. O que é: Fresh cut vegetable?
3. O que é: Fresh cut fruit?
4. Como se chama corredor de supermercado em inglês?
5. Cite dois alimentos, em inglês, que os americanos compram para o café da manhã:
6. Cite duas bebidas encontradas no supermercado do vídeo, em inglês:
7. Como se chama refrigerante em inglês?
8. Como é água sanitária em inglês?
9. Cite 3 diferenças entre os supermercados dos Estados Unidos e os do local onde você mora:

Fonte: autoria própria.

Trabalhamos durante essa aula com o intuito de levar os alunos à reflexão, tanto dos aspectos culturais como também das diferenças linguísticas entre a língua alvo e a língua materna do estudante, trabalhando aspectos culturais (como a alimentação) que fazem com que os alunos identifiquem as diferenças que existem em realidades diferentes.. Além disso, dentro de um tópico específico (vocabulário encontrado no *grocery store*), trabalhamos as habilidades de *listening* (escuta) e *writing* (escrita), o que nos remete aos estudos de Erton (2007) em que ele enfatiza a importância de não trabalhar as habilidades de forma isolada e sim em conjunto, considerando os objetivos que devem ser alcançados durante o processo de aprendizagem do inglês.

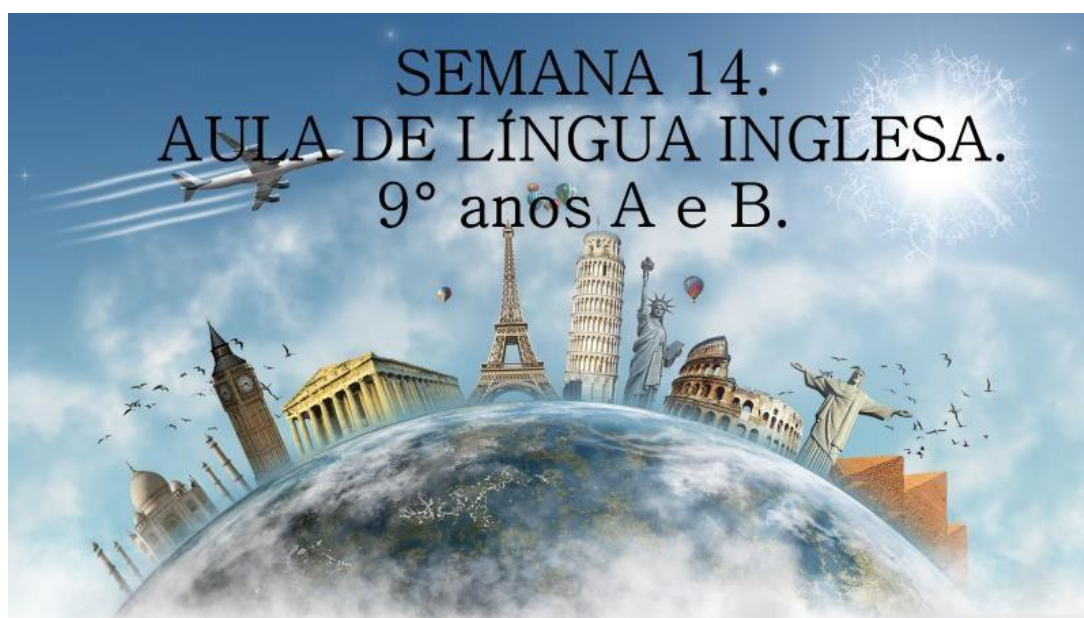
### **4º semana: 07/09/2020**

Na última semana de análise, finalizamos o conteúdo *first conditional* e utilizamos para isso um jogo. Primeiramente, reforçamos a importância de trabalhar com jogos nas aulas de línguas com as autoras Lederman e Potter (2013) que nos trazem os benefícios de trabalharmos com jogos no aprendizado de um novo idioma. Para as autoras, o jogo auxilia no desenvolvimento intelectual estimulando o aluno a interagir, seguir regras, praticar a concentração e curiosidade. Além disso, o jogo não deve ser pautado apenas na ideia de diversão ou brincadeira, pois ele favorece o cognitivo, o físico e o emocional (PIAGET, ano *apud* LEDERMAN; POTTER, 2013).

Ainda na perspectiva dos jogos, eles entram como uma ferramenta essencial quando o utilizamos dentro da abordagem pragmática, isso porque é “Através do jogo o aluno está inserido no contexto real da língua. A linguagem usada para que o jogo aconteça é autêntica e imprevisível. [...] A língua estrangeira deixa de ser uma prática controlada e passa a ser uma ferramenta de comunicação em tempo real.” (LEDERMAN; POTTER, p. 09, 2013). A partir dessas afirmações, podemos ir de encontro com os estudos de Erton (2007) que menciona que o aluno deve ter a habilidade de colocar seu conhecimento em prática. portanto, utilizar o jogo para este fim proporciona desenvolver nos aprendizes a habilidade pragmática na língua alvo.

Nessa aula, concluímos os estudos sobre *first conditional* com um jogo bastante interativo. Todo o jogo e aula foram adaptados para o cenário remoto. portanto, trabalhamos principalmente com questões visuais. observe a figura 9 na qual é feita a introdução da aula. a partir do início da aula já foi apresentada uma imagem que tem relação direta com o tema da nossa aula: *travels* (viagens) ao redor do mundo. observe também a figura 10 na qual é apresentada uma imagem e o tema viagens é discutido.

**Figura 9 - elementos visuais de apresentação da aula**



Fonte: autoria própria

**Figura 10 - contextualizando a aula**

TRAVELS!



Fonte: autoria própria

Como estamos finalizando o conteúdo do *first conditional*, o principal objetivo era fazer com que os alunos utilizassem frases nessa estrutura, incorporando também aspectos culturais, ou seja, para realizar o que foi proposto o aluno também teve que pesquisar sobre alguns países/cidades, seus costumes e tradições. A aula começou com a seguinte frase *WHAT IF YOU TRAVEL TO...* (E se você viajasse para...) e uma imagem de uma cidade/país aleatóri., observe a figura 11, onde propomos uma sentença no *first conditional* a partir da imagem sugerida:

**Figura 11 - exemplo de como funciona o jogo**

WHAT IF YOU TRAVEL TO...



Fonte: autoria própria

Portanto, a pergunta se completa com a imagem: “*WHAT IF YOU TRAVEL TO LONDON/ENGLAND?*” A partir de alguns exemplos como esses durante a vídeo aula, foi proposto um jogo chamado *CARD GAMES: TRAVELS*. Este jogo funciona com cartões virtuais e acontece da seguinte forma: cada aluno recebe 05 cartões, tendo o cartão principal a pergunta que guia o jogo “*WHAT IF YOU TRAVEL TO...?*” e os outros 04 cartões contendo imagens com os nomes de países ou cidades (foram produzidos um total de 20 cartões com diferentes países e cidades turísticas e enviados via *whatsapp* de forma aleatória para cada aluno). Na figura 12, podemos ver a exemplificação de como utilizar a língua nessa situação específica:

**Figura 12 - exemplificação de como devem ser feitas as frases na L2**

Exemplo: WHAT IF YOU TRAVEL TO...?



If I travel to Miami, I will walk in the beach.

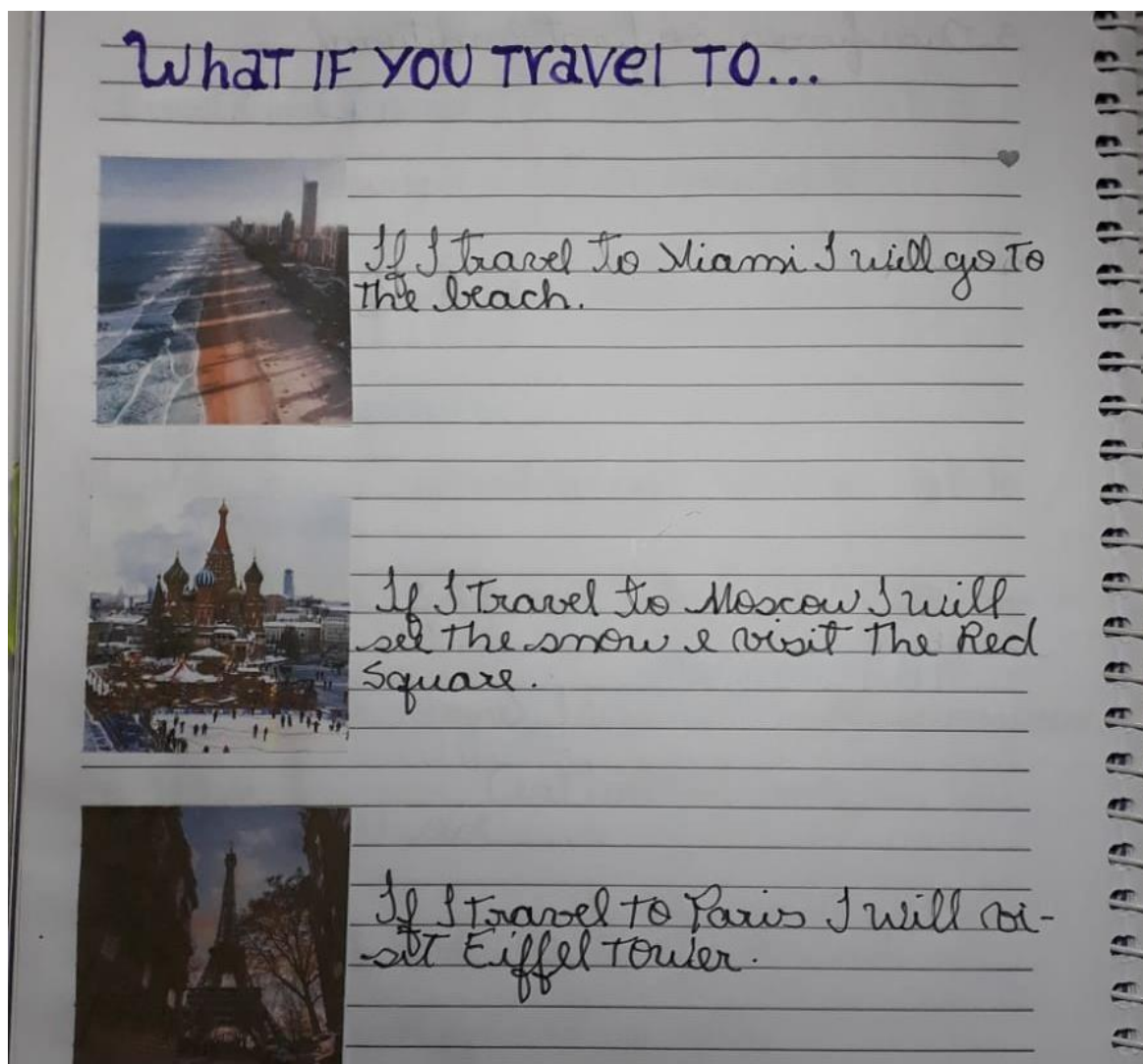


If I travel to London, I will visit the big bang tower.

Fonte: autoria própria

Durante a vídeo aula, foi exemplificado como funcionaria o jogo: ao receber os cartões, o objetivo estava em responder à pergunta com a estrutura do *first conditional* que aprendemos nas aulas anteriores, como mostra o exemplo acima, dessa forma os alunos utilizaram o *first conditional* dentro do jogo e conheceram também a cultura de outros locais, pois cada resposta deveria ser de acordo com o que é possível se fazer em cada país/cidade dos cartões. Abaixo temos as atividades feitas por algumas alunas (observe as figuras 13 e 14), nelas percebemos não somente o uso da língua na estrutura indicada, como também outros elementos, elas utilizaram de desenhos, fizeram as bandeiras e até mesmo usaram palavras em português que auxiliaram na hora de escrever as frases.

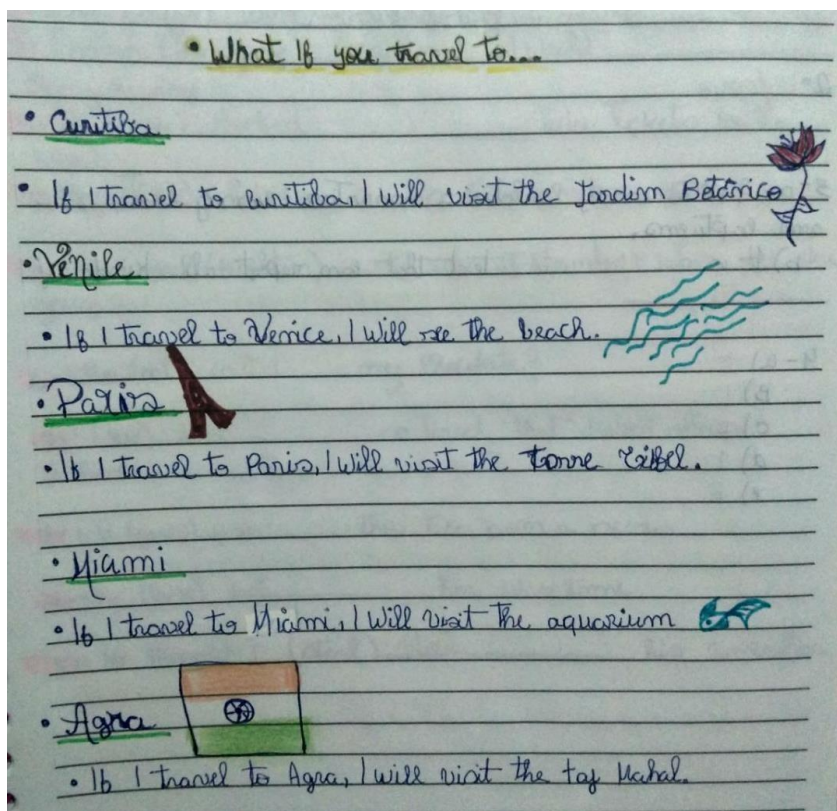
**Figura 13 - atividade aluna 01**



Fonte: autoria própria

A seguir, na figura 14, podemos observar desenhos feitos pela aluna para representar características sobre os lugares indicados. Além disso, podemos perceber o uso de termos que a aluna preferiu não traduzir para o inglês (como “jardim botânico”, “torre eiffel”) provavelmente por falta de conhecimento linguístico ou para facilitar o entendimento da mesma no momento em que foram produzidas as frases.

Figura 14 - atividade aluna 02



Fonte: autoria própria.

Nossa análise de dados teve pontos positivos ao utilizarmos a Pragmática, como a fácil adaptação a diferentes estratégias, expor os alunos a língua dentro do contexto e um aprendizado significativo. Desse modo, e considerando um aspecto pragmático mencionado por Fiorin (2003), o uso dessa abordagem proporcionou aos alunos possibilidades de interagir com a língua em diferentes contextos, utilizando o idioma com autenticidade. Ao realizar desafios diários com produções escritas, analisar aspectos culturais de outro país e atingir objetivos dentro de um jogo, percebemos os benefícios que essa abordagem proporciona aos estudantes.

Também tivemos alguns pontos negativos em relação aos alunos que tiveram dificuldade na elaboração e construção do jogo. Geralmente, encontramos maior dificuldade por parte dos alunos que não acompanham as aulas com frequência ou que possuem um nível linguístico mais baixo, em relação ao restante da turma. Estes estudantes precisaram de mais apoio e exemplos, como também tiveram alguns deles que tiveram mais dificuldade com a estrutura gramatical das frases, o que foi facilmente solucionado com as orientações da professora de forma individual.

Finalizamos a quarta semana de análises com o apoio de Erton (2007, p. 66), quando ele afirma que “O desenvolvimento da coerência e habilidade de se comunicar em diferentes situações reflete no desenvolvimento de competências gramaticais e funcionais.” (referência, tradução nossa<sup>14</sup>) Portanto, trabalhar aspectos gramaticais inseridos em contextos e situações específicas e deixando sua função sempre clara e objetiva para os estudantes, proporciona um aprendizado mais efetivo, prazeroso e motivador para os aprendizes.

<sup>14</sup> “The development of coherence and the ability to communicate in different situations reflect the development of grammatical and functional competence.” (ERTON, 2007, p. 66)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou as aulas de LI de uma escola pública do município de Alcântil-PB. Com foco nos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II, desenvolvemos estratégias durante um mês de aulas com o objetivo principal de incorporar a abordagem pragmática no ensino de línguas, considerando o contexto de aulas online, com alunos de diferentes níveis linguísticos, pouca interação na língua alvo e desmotivados visto o cenário de pandemia atual. Como objetivos específicos buscamos refletir e discutir como o inglês está inserido nas escolas públicas brasileiras e também analisar como podemos transformar a forma de ensinar inglês a partir de uma abordagem pragmática, que inclui trabalhar com turmas desniveladas, propondo estratégias que exponham o aluno à utilização da língua em seu cotidiano, dentro das possibilidades encontradas no ensino remoto.

Durante a análise observamos fatores que comprovam a eficácia de utilizar a pragmática em aulas de LI nas escolas públicas brasileiras, quando consideramos 1) o contexto de aulas remotas, onde o aluno não frequenta um dos únicos lugares onde tinha contato com a LI; 2) que o aluno tem a oportunidade de incorporar a língua alvo em seu cotidiano; 3) que o professor pode explorar novas ferramentas de ensino e promover a motivação em sala de aula sendo consciente do uso da língua em diferentes situações; 4) que a pragmática possibilita diferentes estratégias de comunicação em contextos que não possuem recursos didáticos, falta investimento e temos que lidar com alunos desmotivados em relação ao aprendizado de uma segunda língua (como é o caso das escolas públicas).

Desse modo, ao utilizar a Pragmática promovemos ao estudante motivação (utilizando desafios, quizzes interativos, jogos incorporados dentro do cotidiano como prática da LI, etc.) e autonomia, pois o mesmo pode fazer escolhas linguísticas dentro das atividades propostas e reflexão sobre a língua, considerando aspectos culturais, usos em diferentes situações e reconhecendo o inglês além de uma abordagem tradicional (com foco em leitura, tradução e escrita do idioma). Outros aspectos positivos do uso da Pragmática ocorrem pelo fato de que os professores desenvolvem suas aulas como mediadores, voltando a atenção para os alunos e guiando-os quando necessário. Aulas mais dinâmicas e interativas promovem autenticidade e um aprendizado mais efetivo do idioma.

Além disso, a Pragmática proporciona ao professor a possibilidade de trabalhar com diferentes estratégias, visto que seu foco é desenvolver a língua em situações reais e em diferentes situações comunicativas. Isso permite trabalhar com leitura de notícias, poemas, contos, entrevistas (desenvolvendo a habilidade de leitura), ou trazer músicas, podcasts, audiolivros (focando na habilidade de escuta). a Pragmática também possibilita que o professor trabalhe com jogos, como jogos da memória, ludo, jogos de cartas, jogos de perguntas e respostas (desenvolvendo a habilidade da produção escrita e oral dos estudantes, a depender do objetivo do jogo).

Desse modo, todas essas alternativas podem ser trabalhadas dentro do contexto das escolas públicas, pois elas, além de ter foco no aluno, são acessíveis, precisando de nenhum ou muito pouco recursos para serem desenvolvidas em sala de aula. Corroborando também para minimizar aspectos negativos, como turmas numerosas, desniveladas e com pouco conhecimento linguístico da língua alvo.

Após considerarmos os benefícios do uso pragmático da língua em sala de aula, também percebemos dificuldades que devem ser pontuadas, como por exemplo trabalhar em cenário remoto que além de ser uma realidade nova, não alcança 100% dos estudantes. Desse modo, a língua não pôde ser desenvolvida em uma interação entre os colegas visto que as aulas eram gravadas e sua interação se restringia apenas ao uso dos grupos de *WhatsApp*. Também contamos com a dificuldade de adaptação de alguns alunos em relação ao uso de recursos tecnológicos.

Utilizar a Pragmática como uma abordagem diferente e nova das que já foram utilizadas na escola pública contribuiu para a reflexão da importância que é aplicar a teoria na prática. Como professora em formação, a área da pesquisa contribui para acender a curiosidade de buscar algo inovador para a sala de aula. Trabalhar com a pragmática, como experiência profissional, favoreceu a prática da professora e contato com os estudantes de forma empática e individual, colaborando para um ensino mais humanizado.

Portanto, apesar das dificuldades foi possível analisar de que modo podemos utilizar a pragmática em aulas do ensino regular de escolas públicas. Sua importância abrange a aprendizagem dos alunos, as possibilidades de utilização, o papel do professor em promover engajamento nas aulas e inclui a escola pública no ambiente de pesquisa. Ambiente este fundamental para avançar na educação brasileira, na formação continuada dos professores e no desenvolvimento dos professores em formação da graduação. Promover a transformação de vidas através da educação é indispensável para construirmos uma sociedade plural, democrática, crítica e reflexiva.

### REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CRUZ, G. F.; LIMA, J. R. Quem faz o ensino de inglês na escola (não) funcionar? In: DE LIMA, D. C. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. Parábola Editorial, São Paulo, 2011, p. 171-184.

ERTON, I. 2007. **Applied Pragmatics and Competence Relations in Language Learning and Teaching**. Journal of Language and Linguistic Studies, Vol.3, No.1, Abril 2007.

FIORIN, J. L. **Introdução a linguística**. I. Objetos teóricos. Editora Contexto, São Paulo, 2003.

HARMER, J. **The practice of English language teaching**. 3 ed. Pearson Education ESL, 2001.

LEDERMAN, L.; POTTER, L. E. **Atividades com jogos para o ensino de inglês**. Disal Editora, São Paulo, 2013.

LEFFA, V. J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade. In: DE LIMA, D. C. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. Parábola Editorial, São Paulo, 2011, p. 15-31.

MICCOLI, L. O ensino na escola pública pode funcionar, desde que... In: DE LIMA, D. C. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. Parábola Editorial, São Paulo, 2011, p. 171-184.

MICCOLI, Laura. **Experiências de professores no ensino de língua inglesa: uma categorização com implicações para o ensino e a pesquisa**. Minas Gerais, 2007. p.47-86. Disponível em:

<http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v10n1/02Laura.pdf> Acesso em: 29/04/2021, às 22:36.

O ENSINO DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA. **British Council**, 2015, 1 ed. São Paulo. Disponível em:



[https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo\\_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf](https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf) Acesso em: 29/04/2021, às 22:36.

O'KEEFFE, A.; CLANCY, B.; ADOLPHS, S. **Introducing pragmatics in use**. Routledge, 2011.

OLIVEIRA E PAIVA, V. L. M. Ilusão, aquisição ou participação. In: DE LIMA, D. C. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. Parábola Editorial, São Paulo, 2011, p. 33-46.

OLIVEIRA, L. A. **Aula de inglês: do planejamento à avaliação**. Parábola Editorial, São Paulo, 2015.

ROSE, K. R.; KASPER, G. **Pragmatics in Language Teaching**. Cambridge University Press: 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez, São Paulo, 2013.

YULE, G. **Pragmatics**. Oxford University Press, Oxford, 1996.